

Discriminação se sente até em um olhar



» CARLOS ROBERTO DE SOUZA
Delegado de Polícia inativo (RS), advogado, cientista jurídico, cientista social, teólogo, maçomólogo e bábálorisá

Os registros de racismo aumentaram 127% no país em 2023, e o Rio Grande do Sul lidera o ranking, com São Paulo e Paraná vindo, na sequência, informações do jornal *Folha de S. Paulo*. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública conseguiu dados de todas as unidades da Federação e aponta que, dos 11,6 mil Boletins de Ocorrências de Racismo no Brasil, no ano passado, mais de 2,8 mil são do RS. No mesmo ano, foram feitos 11.610 Boletins de Ocorrências (BO), sendo que, em 2022, houve 5,1 mil documentos registrados.

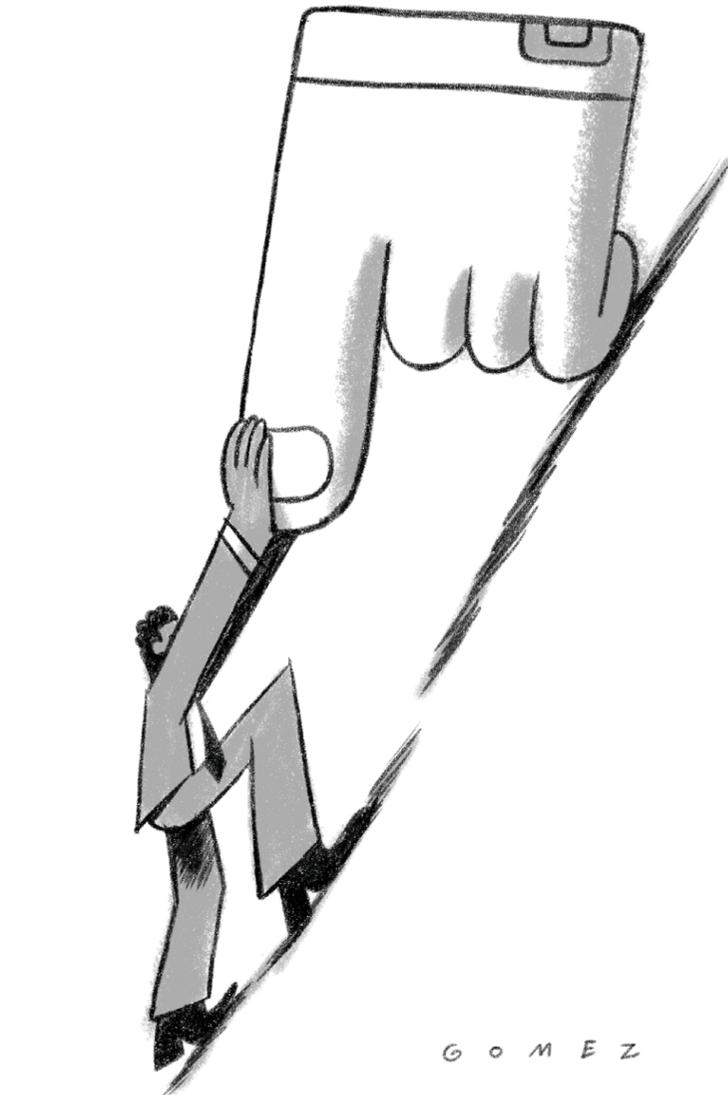
Devemos diferenciar o crime de racismo, tendo como vítima uma comunidade definida, da injúria racial que diz respeito às pessoas. Em consonância com as estatísticas, que são científicas, poderíamos dizer que o Rio Grande do Sul é o estado mais racista deste Brasil "brasileiro"? Só a pessoa negra sente este preconceito, e cada uma de uma ótica, uma situação no tempo e no espaço, dependendo da classe social.

Como delegado de Polícia no Rio Grande do Sul, tive muitas situações de discriminação, mas sempre de uma forma encoberta, velada, furtivamente. Eu, um negro católico, por tradição, e africanista, por convicção, a ponto de saber de comentários em cidades do interior deste estado, de pessoas indagarem se existia delegado preto. Hoje, lá se vão 27 anos de aposentadoria.

Em uma cidade, por volta de 1985, aconteceu um atrito entre os indígenas de uma reserva e seus vizinhos brancos. Incontinentemente, comuniquei ao órgão policial federal, competente para solucionar a contenda, junto ao cacique e seus comandados. Deparei-me com a dificuldade de que eles, indígenas, não acreditavam que eu, negro, era autoridade policial do município. Foi mais difícil convencê-los do que apaziguar os ânimos. Consegui mostrar para eles, que, tanto eu quanto eles, estávamos no mesmo barco do racismo e sabíamos dessas coisas. E, dali em diante, passei a ser convidado para todas as festas da aldeia, situada na reserva de Inhacorá.

Em 1989, desenvolvendo a atividade policial ainda no interior do RS, em uma cidade de grande apego à cultura gauchesca, sempre procurei estar integrado às suas comunidades. Mais ainda, pela cultura das coisas de nosso povo serem das mais acentuadas. É normal, na atividade policial, pessoas tentarem se aproximar de autoridades com o intuito de solicitarem determinadas benesses. E, assim, deve-se ter postura e saber rechaçar esses pleitos.

Em não sendo receptivo a determinados interesses, que não entravam na seara criminal, de alguns grupos tradicionais na região, fui surpreendido por um telefonema de "sua excelência", o doutor chefe de polícia, me relatando que um grupo de pessoas sedizentes representantes da sociedade, estavam se queixando de minha atuação intransigente com as infrações criminais, uma postura que não lhes interessava, e



G O M E Z

diziam que eu passeava na cidade com a família "à vontade, de bermudas". O chefe de polícia de pronto se apercebeu do embuste. E redarguiu dizendo que me designaria para a delegacia de polícia da cidade de Torres, pois lá eu poderia andar de bermuda, calção, de chinelos e sem camisa, que ninguém estranharia. Fui consultado se queria assumir aquela delegacia, e aí quem ficou surpreendido fui eu. De pronto, aceitei e comuniquei aos órgãos de imprensa de que era o novo titular da delegacia da mais bela praia do Estado, na divisa com Santa Catarina. E lá atuei por cerca de cinco anos.

Quando de minha assunção ao cargo de delegado de polícia regional na cidade de Pelotas, na solenidade de posse, fui indagado por repórter de rádio, ao vivo, se eu tinha conhecimento de ser o primeiro negro a assumir aquele posto, bem como por qual razão assumiram junto mais dois delegados negros? Respondi que eles "teriam

simplesmente que se acostumarem com a ideia".

Recentemente sancionada, a Lei nº 14.759/2023 estabeleceu o 20 de novembro, de Zumbi dos Palmares, como feriado nacional, Dia da Consciência Negra, data que era comemorada em vários estados, menos no RS. Foi idealizada em oposição ao 13 de maio, data política não aceita pela negritude, por iniciativa de alguns jovens que se reuniram no centro de Porto Alegre, para discutirem as questões dos negros, entre eles o poeta Oliveira da Silveira, Antônio Carlos Côrtes, advogado, e outros da confraria. Muito tarde veio o feriado, não é?

Este relato pessoal traduz um pouco de como vejo e vivi o estado do Rio Grande do Sul, com suas colonizações multirraciais que aqui chegaram, mas saliente-se que só os negros foram trazidos em uma diáspora de flagelo, os outros vieram de livre vontade.

Errar melhor



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

O final de ano é absolutamente previsível. Todos se preparam para fazer alguma reflexão sobre o que passou ou o que está por vir. As reuniões de família costumam ser tranquilas, apesar de algumas exceções. As confraternizações de empresas às vezes desbordam para festas incríveis que revelam o verdadeiro caráter daquele chefe austero ou da colega discreta. Vez por outra, os casamentos acabam e outros acontecem.

No jornalismo, o Natal é um momento especialmente difícil. Neste dia é feriado em todos os países cristãos do Ocidente. Ou seja, não há novidades. Não acontece nada. Na Primeira Guerra Mundial, naquele insano conflito de trincheiras, franceses e alemães suspenderam hostilidades no 25 de dezembro para festejar o nascimento do Cristo. Confraternizaram com cerveja, vinho e uísque. Ninguém deu tiro em ninguém. Não houve conquista de território. Momento de paz. Então, não há notícia. Além dos símbolos da festa, há pouco para comentar, destacar ou criticar.

O Natal chega de maneira escandalosa nas propagandas de televisão ou nos alto-falantes dos supermercados. Todos nós somos submetidos ao *Jingle Bells* ou *Noite Feliz*. São dois hinos oficiosos das festas de fim de ano trazidos pelos estrangeiros que também introduziram o sempre presente *White Christmas*. O *Jingle Bells*, que se presta a vários trocadilhos, foi lançado

em 1857, pelo bostoniano J. Pierpont que esqueceu a estrela de Belém para realçar Papai Noel, trenós e carruagens. Não esquecer que o Natal vermelho, com o velhinho barba branca, é invenção de um refrigerante norte-americano, que possui a marca registrada do produto.

O Natal, como festa religiosa, começou a ser comemorado em 25 de dezembro no século 4, pela Igreja ocidental e no século 5 pela Igreja oriental. Homenageia o nascimento de Jesus Cristo. É o seu significado nas línguas neolatinas. Os primeiros indícios da comemoração do nascimento de Jesus em 25 de dezembro são do ano 354. Essa celebração começou em Roma, enquanto no cristianismo oriental o nascimento de Jesus já era celebrado em conexão com a Epifania, em 6 de janeiro.

A origem da data é antiga. Trata-se da comemoração do Natalis Solis Invicti, celebração do Sol, festa tradicional do solstício de inverno realizada pelas populações pagãs que foram, posteriormente, convertidas ao cristianismo. A festa foi incorporada ao calendário da Igreja Católica. Mas não há nenhuma evidência histórica de que o Cristo tenha nascido no em 25 de dezembro do ano zero, mesmo porque o calendário se modificou muito ao longo dos séculos.

A discussão é parte relevante da história da Igreja Católica. Mas, voltando ao ponto inicial, o dia de Natal é um desastre para o jornalismo porque não há notícias. Réveillon, também. E pior, para quem trabalha em jornal impresso, o pessoal da gráfica pressiona para sair mais cedo. A primeira página, que é a última a fechar, deve estar concluída por volta das três da tarde. Depois dessa hora, o pessoal costuma começar a confraternizar dentro da redação. Cerveja, champanhe e os salgadinhos providenciados pelas secretárias.

Tempos atrás, estava na posição de dirigir um jornal impresso no dia de Natal. Tinha por

obrigação escrever o editorial. Mas não encontrava assunto. Recorri ao mesmo expediente de agora. Dissertei sobre o Natal, sua história, sua beleza, o lado comercial, mas ressaltei o momento de reflexão sobre a vida. Como se os olhos pudessem saltar das órbitas e o indivíduo enxergasse a si mesmo.

No dia seguinte, recebi o telefonema do dono do jornal. Ele me perguntou:

— Quem escreveu o editorial?

— Fui eu.

— Está muito bem escrito, parabéns, mas no meu jornal Cristo nasceu no dia 25 de dezembro. E a festa é católica. Aqui não se discute o assunto. Entendeu?

Levei a bronca calado e entendi que são muitos os perigos do Natal. O governo tornou pública mais uma norma sobre segurança pública. Será tema obrigatório de discussão nos próximos tempos, áridos, de recesso, até o final de janeiro. Haverá sempre uma tragédia para lamentar, mortos a prantear e histórias a inventar para ganhar tempo, ao longo das férias de verão. Boa parte do país vai para a praia.

Sugiro aproveitar o tempo com atividade mais tranquila e reflexiva. Ler o magnífico livro *Sempre Paris, crônica de uma cidade e seus escritores*, Rosa Freire D'Águar, Companhia das Letras. Delicioso passeio por Paris dos anos 1970 e 1980, da jornalista que trabalhou como correspondente na capital francesa. Fomos colegas na revista *IstoÉ*. Ela se casou com Celso Furtado, deixou o jornalismo e se dedicou às traduções. O livro contém interessantes entrevistas com personagens da cidade como George Simenon, Júlio Cortázar, Eugene Ionesco, entre outros personagens preciosos. Pelo menos é um meio de apreciar a paisagem e tentar errar melhor no futuro.

Feliz ano-novo!!

Visto, lido e ouvido

Desde 1960 (Circe Cunha (interina))



circacunha.df@dabr.com.br

Em busca do Santo Graal

É uma pena que nenhuma das mais importantes obras da literatura mundial entre para a grade curricular das escolas públicas. Nossos jovens acabam perdendo a oportunidade de entender o mundo ao redor. Sem esse entendimento, tornam-se também presa fácil dos labirintos opressores do mundo, diluídos num amálgama disforme e sem propósitos.

Na luz do conhecimento, estão os mapas e os passaportes para o caminhar com o salvo-conduto necessário para a construção de uma vida digna, longe das teorias que buscam transformar os homens numa espécie de formigueiro coletivo, cujo único propósito é o da sobrevivência. A perda do individualismo e a deformação da persona de cada um, tão caras aos renascentistas e que tantos progressos trouxeram para o entendimento e desenvolvimento da humanidade, é, talvez, a mais severa punição infligida aos homens.

Infelizmente, nossas escolas, por suas precariedades humanas e materiais prejudicam mais do que ajudam na formação humanística dos alunos. Prejudicam porque ensinam e incentivam a competição entre os indivíduos, tornando o processo doloroso para os alunos e fonte de rivalidades. Prejudicam também porque não estimulam a correta cooperação, preferindo o caminho mais fácil da pasteurização do ensino, levando os alunos a trabalhar em grupos, em que apenas uma minoria participa e é ativa e o restante, mesmo sem esforço algum e se mantendo passivo, fica com os mesmos louros.

Talvez o que fique de positivo nessas experiências coletivistas, é que esse método mostra, na prática, como funcionam certas teorias políticas comuns e socializantes, na qual as massas produzem as riquezas que são incorporadas apenas pelas elites do aparelho partidário. O Santo Graal buscado pela humanidade não são atendidos, o que se tem é o esmagamento do indivíduo e sua transformação numa espécie de zumbi sem vontade própria. Talvez seja esse um dos principais objetivos da escola: mostrar a cada um as possibilidades infinitas do indivíduo, além de fazê-lo entender os perigos de que certas doutrinas políticas coletivistas apontam para um futuro oposto do que prometem e são, sobretudo, um caminho seguro para a servidão e a postergação da felicidade.

É certo que para atingir tal estado de satisfação e recompensa, as necessidades individuais precisam ser atendidas, tais como direito à liberdade de opinião, igualdade perante as leis, direito à propriedade entre outros ganhos. Quando quaisquer desses direitos não são atendidos, o que se tem é o esmagamento do indivíduo e sua transformação numa espécie de zumbi sem vontade própria. Talvez seja esse um dos principais objetivos da escola: mostrar a cada um as possibilidades infinitas do indivíduo, além de fazê-lo entender os perigos de que certas doutrinas políticas coletivistas apontam para um futuro oposto do que prometem e são, sobretudo, um caminho seguro para a servidão e a postergação da felicidade.

E é aí que entra a obra como o *Caminho da Servidão* do ganhador do Prêmio Nobel de economia, Friedrich von Hayek (1899-1992). Óbvio que uma obra desse quilate ou similares, como *1984*, de George Orwell (1903-1950) passam longe da grade curricular de nossas escolas, por motivos que nem mesmo os professores mais preparados sabem explicar. No caso da obra de Hayek, esse autor, demonstra, quase cientificamente, como políticas coletivistas geram uma sociedade dependente de governos, com os indivíduos deixando de perseguir progresso e mobilidade social e econômica, preferindo se esforçar para integrar as doutrinas políticas do governo de plantão, em que a influência pessoal e os contatos privilegiados com a cúpula do governo passam a ser entendidos como o único caminho para a prosperidade.

Para von Hayek, o controle exercido por governos coletivistas, acabam por produzir também um controle de ordem psicológica, modificando o caráter do povo, induzindo as pessoas a se voltarem umas contra as outras e em favor unicamente do governo. Fica patente em sua obra que somente a liberdade econômica pode conduzir à plena liberdade política. Ao inverter essa equação, o que se tem é a perda de liberdade, com o povo desprovido tanto de liberdade econômica quanto política.

Nesse ponto, Hayek mostra que é a propriedade privada um dos principais alicerces da liberdade individual. Como ensinava Hannah Arendt (1906-1975), "a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele", pois "os direitos humanos é o direito a ter direitos". Também para ela, "o mais radical revolucionário tornar-se-á um conservador no dia seguinte à revolução."

Voltando a Hayek, a propriedade privada é também garantia de vida privada e um caminho livre para perseguir o que o indivíduo deseja para sua vida, sem intromissões do governo. "O individualismo (...) tem como características essenciais o respeito pelo indivíduo como ser humano, isto é, o reconhecimento da supremacia de suas preferências e opiniões na esfera individual, por mais limitada que esta possa ser, e a convicção de que é desejável que os indivíduos desenvolvam dotes e inclinações pessoais" diz o autor dessa obra básica.

A frase que foi pronunciada:

"Do meu ponto de vista, a globalização econômica é a nova forma adotada pelo totalitarismo. O chamado neoliberalismo é um capitalismo totalitário."

José Saramago